



Feminismo e Análise do Comportamento: Contribuições de Maria R. Ruiz

Alessandra Pinto Rosendo¹; Clarissa de Pontes Vieira Nogueira²

Resumo: Este trabalho traz como tema central o Feminismo e a Análise do Comportamento e busca explicar qual a contribuição dos conceitos trazidos por Maria R. Ruiz dentro da Análise do Comportamento para a teoria feminista. Inicialmente traz os conceitos básicos da Análise do Comportamento e, logo após, descreve um breve histórico sobre o feminismo e suas fases, para por fim trazer a inter-relação feita pela estudiosa Ruiz sobre essas duas teorias, à luz do behaviorismo radical, que é a filosofia por trás da ciência do comportamento. Foi utilizada como metodologia a pesquisa bibliográfica e a pesquisa conceitual. Esse tema é relevante pois atualmente as questões de gênero ainda precisam ser amplamente discutidas, nas mais diversas abordagens dentro da psicologia e âmbitos sociais no geral, já que ainda pouco se discute e se fala sobre o feminismo no meio acadêmico. Como contribuições da análise do comportamento para o feminismo trazidas por Maria R. Ruiz, destaca-se a compreensão das variáveis ambientais que mantém as práticas culturais machistas.

Palavras-chave: Análise do Comportamento. Teoria Feminista. Maria R. Ruiz.

Feminism and Behavior Analysis: Contributions by Maria R. Ruiz

Abstract: This work has as main theme Feminism and the Behavior Analysis and seeks to explain the contribution of the concepts brought by Maria R. Ruiz within the Behavior Analysis for feminist theory. It initially brings the basic concepts of Behavior Analysis and soon after, describes a brief history of feminism and its stages, to finally bring the interrelation made by Ruiz about these two theories in the light of radical behaviorism, which is the philosophy behind the science of behavior. The literature and conceptual research was used as methodology. This theme is relevant today because gender issues are yet to be widely discussed in various approaches within psychology and social environments in general, as yet little is discussed about feminism in academia. As contributions of behavior analysis for feminism brought by Maria R. Ruiz, there is the understanding of the environmental variables maintaining sexist cultural practices.

Keywords: Behavior Analysis, Feminist Theory. Maria R. Ruiz.

¹Mestre em Ciências do Comportamento pela Universidade de Brasília / aleprosendo@gmail.com.br;

²Doutora em Ciências do Comportamento pela Universidade de Brasília, Professora do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio / clarissa@leaosampaio.edu.br.

Introdução

Este trabalho tem como tema o Feminismo e Análise do Comportamento e mostra como alguns conceitos trazidos dentro do Behaviorismo Radical por Maria R. Ruiz, uma das poucas pesquisadoras e analista do comportamento que publica estudos sobre a relação entre feminismo e análise do comportamento desde 1995, contribuem com a Teoria Feminista.

Para tanto, inicia-se uma descrição abordando alguns conceitos gerais acerca da Análise do Comportamento e trazendo um breve histórico da Teoria Feminista para logo após isso fazer essa relação entre ambas. O trabalho também irá expor as contribuições para o feminismo discutidas por Maria R. Ruiz, a partir do Behaviorismo Radical, que segundo Carvalho Neto (2002) é o braço filosófico, teórico e histórico por trás da ciência do comportamento.

Desta forma, tem como objetivo geral descrever esses conceitos trazidos por Maria R. Ruiz dentro da análise do comportamento e do behaviorismo radical que contribuem com a teoria feminista, e como objetivos específicos busca relacionar essa filosofia da análise do comportamento e o feminismo, analisando por fim que contribuições essas teorias podem trazer para si mesmas, mutualmente.

A relevância dessa pesquisa se dá primeiramente aos poucos estudos realizados sobre esse tema pelo viés da abordagem da Análise do Comportamento, que apesar de analisar práticas culturais, pouco se tem pesquisado sobre relações de gênero e Feminismo. Além disso, os estudos existentes e mais recentes encontram-se escritos apenas na língua inglesa, o que dificulta essa difusão e aprofundamento por estudantes que não conhecem este idioma.

Portanto, como trazido por Ruiz (1998), o momento é propício para que haja uma conversa entre os behavioristas radicais sobre as questões feministas, já que ambos estão interessados em uma ação efetiva na sociedade. Assim, vê-se a importância de se aprofundar o conhecimento sobre a relação entre estas duas teorias, que tanto podem contribuir mutualmente uma com a outra. Além disso, a temática do Feminismo se faz relevante ainda nos tempos atuais, pois como afirma Garcia (2011), aqueles que asseguram que as coisas mudaram grandiosamente e não levam em conta o patriarcado, não percebem com nitidez que as coisas não mudaram tanto assim. Os problemas de gênero mudaram, mas não desapareceram, o que faz com que ainda seja necessário discutir-se sobre esses temas para só assim haver mudanças nas práticas sociais.

Metodologia

Dentro da metodologia utilizada, se faz relevante destacar um tipo de pesquisa dentro da análise do comportamento, que é a pesquisa conceitual, trazida por Tourinho (1999). Ela vem recebendo bastante atenção dentro da Análise do Comportamento o que sugere seu reconhecimento e importância na construção do saber dentro dessa abordagem.

Os estudos conceituais podem ser definidos como aqueles que se ocupam da constituição do sistema explicativo e buscam dar conta do conjunto de fenômenos que são seus objetos de estudo. Há, nesses estudos, conteúdos históricos que contribuem com a reelaboração do sistema explicativo na medida em que são referenciados (TOURINHO, 1999).

Em alguns trabalhos, como é o caso deste, a ênfase é nos pressupostos epistemológicos e por isso ganha características de uma investigação filosófica, que se faz importante nessa pesquisa, já que se explana as contribuições da própria filosofia do Behaviorismo Radical (TOURINHO, 1999).

Isso acontece pois, segundo Tourinho (1999), a literatura da Análise do Comportamento pode ser interpretada como um campo de saber, no interior do qual diversos tipos de produção são articulados com o objetivo de formular uma compreensão ampla e sólida acerca da problemática do comportamento.

As possibilidades de produção definem áreas que se relacionam e respondem a demandas da ciência em geral e desta abordagem psicológica em particular. Embora isso ainda ocorra com uma baixa frequência e em pouco número, se destaca a importância de autores que, sob o viés dos pensamentos de Skinner, se dedicam a trabalhos conceituais, explorando as possibilidades do Behaviorismo Radical numa redefinição da Psicologia, sua relação com outras ciências e capacidade de estudar e prover soluções para os problemas humanos (TOURINHO, 1999).

Assim, este tipo de pesquisa se faz necessário neste trabalho, já que ele permite referir/abordar/explicar fenômenos comportamentais, relacionando a teoria de Skinner com a teoria feminista, ajudando na compreensão e contribuindo com o feminismo a partir da filosofia do behaviorismo radical, pois a produção de conhecimento nas diversas áreas são relevantes para o desenvolvimento da Análise do Comportamento como um todo (TOURINHO, 1999).

Também se fez uso da Pesquisa Bibliográfica nesse artigo para que houvesse a construção de novos conhecimentos. A Pesquisa Bibliográfica, também é conhecida como

revisão de literatura e consiste em, segundo Gil (2002), uma pesquisa feita a partir de materiais já publicados e elaborados, que geralmente são livros e artigos. Uma de suas vantagens é permitir que o pesquisador compreenda mais fenômenos do que se poderia caso pesquisasse diretamente.

Além disso, a pesquisa Bibliográfica também é utilizada para fundamentar teoricamente o objeto de estudo, contribuindo com elementos que servem de base para uma análise futura dos dados obtidos (LIMA; MIOTO, 2007).

Neste trabalho buscou-se primeiramente aprofundar sobre que autores regidos pela abordagem de Skinner falavam sobre o feminismo relacionado à análise do comportamento. A busca ocorreu nas bases de dados Scielo, Google acadêmico, Journal of Behavior and Philosophy, Journal of Behavior and Social Issues, e Journal of the Behavior Analyst. Foram utilizados como indicadores na busca de materiais as seguintes sequências: análise do comportamento e feminismo, feminismo radical, teoria feminista, feminismo e psicologia, tipos de feminismo, M.R.Ruiz + behavior e Maria R. Ruiz. A busca ocorreu nos meses de Julho, Agosto, Setembro e Outubro de 2014.

A partir dessas pesquisas e realizadas as leituras, pôde-se buscar os principais conceitos da análise do comportamento e a trajetória do feminismo, além das relações que podiam ser feitas entre ambas as teorias, que eram trazidas principalmente nas obras de Maria R. Ruiz. Foram selecionados e traduzidas seis artigos dessa autora, porém utilizou-se apenas três obras, tendo como critério de seleção as obras que traziam os conceitos do Behaviorismo Radical relacionados ao Feminismo, sendo excluídas aquelas que traziam o tema com uma relevância secundária ou que não relacionavam as duas teorias.

Alguns Conceitos Básicos em Análise do Comportamento

Segundo Carvalho Neto (2002), até o início do século XX, ainda predominava na psicologia o estudo e o entendimento sobre sensações, percepções e consciência do indivíduo, feito através do método introspectivo, que utilizava-se do relato verbal do sujeito para entender como se dava tal processo. A psicologia introspectiva tinha como referencial os autores Wundt e Tichener, pioneiros nesse método. Assim, a psicologia era uma ciência que estudava a “mente” humana.

Porém, ainda no início do mesmo século, Watson publica um documento conhecido como “Manifesto Behaviorista” que rompe com a forma de fazer e estudar psicologia até então. Ele toma como objeto de estudo da psicologia o comportamento dos organismos, abandonando a introspecção e adotando um método experimental, analisando os processos observáveis que ocorria entre um organismo e seu ambiente. Essa nova psicologia foi denominada de behaviorismo (CARVALHO NETO, 2002).

Desta forma, utilizando-se de experimentos realizados por Pavlov para compreender os reflexos condicionados (aprendidos), Watson fez vários estudos seguindo seu método experimental. Ele empenhou-se principalmente para entender e conhecer como um reflexo é condicionado a partir de outro, ou seja, estudou o que conhecemos hoje como comportamento respondente, representado pelo paradigma “Estímulo → Resposta” (S → R). Podemos dizer que neste paradigma observamos um padrão de causa e efeito, ou seja, um estímulo elicia uma resposta (MOREIRA; MEDEIROS, 2007).

Assim, dessa nova escola, chamada de escola behaviorista, surgiram diversas outras “neobehavioristas”. Além do Behaviorismo conhecido como mediacional, que tem como principais autores Tolman e Hull, também iniciou-se outra versão, que ficou conhecida como Behaviorismo Radical, nomeada por Skinner. O behaviorismo de Skinner seria uma filosofia por trás da ciência do comportamento, da qual ele chamou de Análise do Comportamento (CARVALHO NETO, 2002). Desta forma, a Análise do Comportamento é uma abordagem psicológica que se utiliza da filosofia do Behaviorismo Radical, o que as difere entre si (MOREIRA; MEDEIROS, 2007).

Ainda para Moreira e Medeiros (2007), em contrapartida ao behaviorismo Watsoniano, Skinner, ao verificar que apenas o comportamento respondente não era capaz de abarcar toda a complexidade de comportamentos dos indivíduos, passou a estudar o comportamento operante, que verifica como o comportamento produz consequências (mudanças no ambiente), e ele mesmo é afetado por elas. Assim, surge outro paradigma, o do comportamento operante, que se caracteriza por “Contexto: Resposta → Consequência” (SD:R→C), conhecido como tríplice contingência. Neste momento, diferentemente do que é observado no comportamento respondente, um estímulo não causa uma resposta, mas a resposta gera uma consequência no ambiente que a seleciona.

Uma diferenciação comum que podemos fazer do comportamento respondente para o comportamento operante é que um é involuntário e o outro voluntário, ou seja, o

comportamento respondente é um comportamento reflexo, que não está sob o nosso controle, já o comportamento operante está sob nosso controle e por isso pode ser classificado como voluntário (SKINNER, 1974).

Porém, ainda hoje é comum ver as pessoas confundirem o Behaviorismo Radical (representado por Skinner) com outras modalidades de behaviorismo, ou até mesmo ignorando que existem modalidades diferentes no behaviorismo (MOREIRA; MEDEIROS, 2007).

As diferenças entre esses tipos de behaviorismo são inegáveis, o próprio Skinner discordou dos modelos simplistas antes estudados. Uma das principais diferenças é que o behaviorismo metodológico e algumas versões do positivismo lógico muitas vezes excluía estudos sobre sentimentos, pensamentos, ideias e outros eventos encobertos, pois estes não eram passíveis de observação (SKINNER, 1974). Já o Behaviorismo Radical não nega a existência desses traços, porém os classifica como eventos privados, que são aqueles observáveis apenas por quem se comporta; diferentemente dos eventos públicos, que podem ser observados por mais de uma pessoa ao mesmo tempo. (MOREIRA; MEDEIROS, 2007). Fora esta característica, eventos públicos e privados possuem a mesma propriedade (BAUM, 2006).

Com essa ideia, Skinner rompe de forma radical com o dualismo, não havendo uma dicotomia entre mente e corpo, ou atividades mentais que serviam de causa para outros comportamentos, o que caracteriza o mentalismo. Ao contrário, Skinner defende uma visão de homem monista, sendo evento público ou privado, é o comportamento do indivíduo como um todo que deve ser estudado (MOREIRA; MEDEIROS, 2007).

Além de se estudar o comportamento como um todo, devemos ter em vista os níveis que selecionam esse comportamento, que podem ser filogenético, ontogenético e cultural. A seleção no nível filogenético (biológico), opera a nível da espécie ao longo da evolução e seleção natural; o ontogenético, responsável pelo repertório adquirido pelos indivíduos, opera ao longo da história de vida; e por fim o cultural, que é a seleção realizada pelo ambiente social e cultural (SKINNER, 1981).

Segundo Moreira, Ramos e Todorov (2013) torna-se notório o empenho de Skinner em estudar principalmente o terceiro nível de seleção, que é a seleção cultural. Skinner (1953) traz que o comportamento social é aquele emitido por duas ou mais pessoas entre si e em relação a um ambiente comum. Por isto, este nível cultural que permeia as relações entre os indivíduos, será o que receberá uma maior ênfase neste trabalho.

É através desse comportamento social e de mudanças nas práticas culturais que podemos alcançar uma mudança na nossa realidade (MOREIRA; RAMOS; TODOROV, 2013). Um desses comportamentos sociais a ser estudado nesse trabalho será o feminismo, que busca por mudanças na área social (GARCIA, 2011), pois somente com a execução de práticas que contribuam para a resolução de problemas é que a cultura evolui (SKINNER, 1981). Por isso, se entenderá mais neste momento sobre a prática do feminismo.

Breve Histórico do Feminismo

O termo Feminismo foi utilizado pela primeira vez em 1911, nos Estados Unidos, por escritores que se referiam a luta pelos direitos e liberdades das mulheres. As feministas buscavam um equilíbrio entre as necessidades de amor e realização, individual e política, algo que parecia utópico (GARCIA, 2011).

Para Garcia (2011) o feminismo pode ser definido como uma tomada de consciência dessas mulheres de forma coletiva sobre a situação de submissão e exploração a que eram expostas, sob o domínio de homens no meio patriarcal. Partindo desse princípio, o feminismo se caracteriza tanto como uma filosofia política quanto um movimento e prática social.

Assim, segundo a autora, o feminismo age na transformação da relação entre homens e mulheres e seu impacto é sentido em todas as áreas do conhecimento, seja na política e até mesmo na ciência.

No interior da ciência houve diversas consequências devido a visão androcentrista, que considera o homem como medida de todas as coisas. Assim, vários estudos e pesquisas possuem apenas a visão de uma perspectiva masculina, o que torna esse conhecimento muitas vezes não confiáveis, com várias lacunas (GARCIA, 2011).

Ainda para a autora supracitada, é importante salientar que não existe apenas um tipo de feminismo, mas vários, pois são muitas as correntes que o compõe. Assim, a história do feminismo pode ser dividida em quatro grandes blocos: o Feminismo Pré-Moderno, o Feminismo Moderno (Primeira Onda), o Feminismo dos grandes movimentos sociais do século XIX (Segunda Onda) e o Feminismo Contemporâneo (Terceira Onda).

Classificam como feminismo pré-moderno a fase que discute questões que aconteciam até mesmo antes do renascimento, onde a mulher era considerada e dita como naturalmente

inferior. Mesmo após o movimento renascentista, havia uma delimitação de papéis para homens e mulheres que ainda mantinham a ideia medieval. Começou a haver então, durante séculos, debates sobre esses ideais construídos para cada um de acordo com o sexo. Esse debate foi nomeado de *Querelle de femmes*. Para alguns autores, a *querelle* pode ser considerada o início do feminismo, já que no mesmo há o início de uma busca para uma oposição acerca da misoginia (hostilidade, raiva ao sexo feminino), com embasamento nessa concepção de gênero e levantando a questão geral de humanidade. Algumas mulheres, filhas de intelectuais e humanistas, que tiveram direito a educação, se rebelaram e lutaram contra essa teoria de gênero (GARCIA, 2011).

Ainda para Garcia (2011), a história começou a mudar com as mulheres que ficaram conhecidas como Preciosas, um grupo de literatas que se reuniam em salões para discutir questões intelectuais. Foram as Preciosas francesas as primeiras a questionar o papel dos homens na sociedade. Elas ficaram conhecidas como as primeiras feministas. A partir dessas discussões nos salões, a polêmica feminista deixou de ser uma discussão privada e tornou-se um tema de opinião pública.

Após esse primeiro momento, surge a primeira onda do feminismo, que caracteriza-se pela publicação da obra *Sobre a Igualdade dos Sexos*, em 1673, de Poulin de la Barre, que critica o apego aos preconceitos e defende o direito ao saber às mulheres como forma de diminuir a desigualdade sexual e como caminho para o progresso. Assim se inaugura uma das primeiras reivindicações do feminismo, que é a educação (GARCIA, 2011).

Neste momento, segundo a autora citada acima, estavam havendo diversos movimentos, como a mudança da Idade Moderna para a Contemporânea, a Revolução Industrial, a instauração de democracias, a Declaração de Independência dos Estados Unidos e a Declaração dos direitos do Homem e do Cidadão. Assim observa-se um começo de um pensamento que defendia a igualdade.

Com toda essa mudança política e com o acontecimento da Revolução Francesa, surgiu o feminismo que foi duramente e prontamente combatido. Mulheres lutaram por seus direitos dentro das revoluções, nas frentes de batalha e intelectualmente, mas mesmo assim obtiveram poucas conquistas. Perceberam que o direito a igualdade e liberdade só era direcionada aos indivíduos do sexo masculino, sendo as mulheres excluídas deste cenário. No fim, elas ainda viviam de forma passiva, dependendo sempre das figuras masculinas para sobreviver, portanto, a vida das mulheres era desprovida totalmente de liberdade (GARCIA, 2011).

Totalmente imobilizadas, sem direito a cidadania e educação, as mulheres continuaram a sua luta, e isto é o que caracteriza a segunda onda do feminismo. Desta forma, já no século XIX, o feminismo aparece como um movimento social de âmbito internacional, de forma organizativa e utilizando como base a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. Além de seus objetivos específicos, elas lutavam também pelos direitos humanos e civis para todos, independentemente de raça ou classe social (GARCIA, 2011).

Ainda segundo Garcia (2011), a luta deu-se a partir do movimento sufragista. Algumas mulheres nos Estados Unidos tinham oportunidade de estudar, porém não tinham garantidos seus direitos civis e políticos. Houve então uma convenção, organizada por Elizabeth Stanton, que foi a fundadora da Associação Nacional pelo Sufrágio da Mulher (NWSA) e ativista na luta abolicionista nos Estados Unidos, para discutir coletivamente com outras mulheres sobre seus direitos. A partir deste momento as mulheres americanas passaram a lutar de forma organizada para conseguir uma emenda constitucional que lhes garantissem o direito ao voto, e mais uma vez seus direitos foram negados. Os escravos homens libertos conseguiram antes seu direito ao voto, deixando apenas as mulheres excluídas da cidadania. Com isso, as feministas passaram a adotar estratégias mais radicais. Após anos de lutas, as mulheres conseguiram em 1920 o direito ao voto. Assim, para conseguir o direito ao voto e a educação, principais prioridades desse movimento na segunda onda, as mulheres levaram oitenta anos.

Por fim, a terceira onda do feminismo, ou feminismo contemporâneo, tem seu surgimento demarcado em um período entre guerras, em que a luta e militância feminista tiveram uma queda. As mulheres tinham conseguido legalmente muitos dos direitos pelos quais lutavam; principalmente o direito ao voto, educação e trabalho; e por isso muitas delas abandonaram a militância. Deram o feminismo como morto. Essa situação só veio mudar com a publicação da obra *O Segundo Sexo*, da autora Simone de Beauvoir, que forneceu as bases teóricas para uma nova fase (GARCIA, 2011).

Esta obra de Beauvoir traz temas que são discutidos pelo feminismo até os dias atuais. A autora descreve como o homem serve de base e de centro de medida para todas as outras coisas (androcentrismo). Eles são os detentores de poder e os criadores da cultura. Assim, a mulher sempre estará em uma relação de assimetria com ele. Com essa obra, Simone de Beauvoir dá base para a construção da teoria de gênero, começando a aprofundar a ideia de que o gênero seria construído socialmente (GARCIA, 2011).

Garcia (2011) também destaca dentro do feminismo contemporâneo alguns tipos de feminismos, com ênfase no feminismo liberal e no feminismo radical. O feminismo liberal surgiu por volta da década de 60 e se caracteriza como sendo aquele que postula uma reforma no sistema até conseguir a igualdade entre os sexos. Acredita que existe sim essa desigualdade, mas não uma opressão ou exploração. Também acredita que o principal problema feminino é a exclusão da mulher da esfera pública.

Já o feminismo radical surge nos Estados Unidos, também na década de 60, como consequência de uma intensa insatisfação das mulheres, pois estas tiveram que retornar às suas antigas vidas de dona de casa após o fim da Segunda Guerra Mundial. Os homens quiseram reformar a nova sociedade que lhes restou, mas a mulher não tinha credibilidade para discutir as questões que consideravam importantes para si, sendo estas vistas como irrelevantes pela sociedade. Nesse momento, elas perceberam as peculiaridades de sua opressão e resolveram reunir-se por conta própria. Assim, organizaram-se de forma autônoma e quiseram separar-se dos homens, num Movimento de Liberação da Mulher (GARCIA, 2011).

Para a autora supracitada, diferentemente dos feminismos da primeira onda e segunda onda e do feminismo liberal, o feminismo radical passou a se interessar pela sexualidade feminina, pois a esfera pública interferia e dominava também as questões privadas da mulher, sendo assim, era necessário transformar ambas as esferas. Dele surgiram algumas contribuições, como os grandes movimentos e protestos públicos, o desenvolvimento de grupos de autoconsciência e centros de ajuda (GARCIA, 2011).

Tinha o objetivo de trazer a tona todos os mecanismos que ajudavam a manter a opressão e que continuavam ocultos. Tentava também sensibilizar a população para as suas causas, além de lutar pelos direitos sexuais e reprodutivos da mulher (GARCIA, 2011).

Ainda segundo Garcia (2011), houve diversos desentendimentos dentro dos vários tipos de feminismo, e no período dos anos 80, as lutas e exigências acabaram silenciando. Mas isso não significa que o feminismo acabou, ele vem se reformulando, inclusive dentro do mundo acadêmico. Passou também a centrar-se na diversidade entre as mulheres, e combate a um discurso monolítico da mulher enquanto categoria.

Mesmo assim, apesar de tantas conquistas, a igualdade entre os gêneros ainda não acontece, a violência e discriminação relacionada ao gênero existe dentro do trabalho, da educação, do âmbito econômico, político e militar. Por isso, o feminismo da Terceira Onda

resiste nos dias atuais, e surgem cada vez mais novas correntes feministas com o passar dos anos (GARCIA, 2011).

Por todo esse histórico visualizado, Garcia (2011) destaca como é importante uma nova visão, que leve em conta o pensamento das mulheres, levando-as a um protagonismo de sua história individual, mas também coletiva, que leve-as à uma construção e transmissão de ideias e ações, dentro da cultura e também da ciência.

Desta forma, se falará a seguir dessa aproximação do Feminismo com a ciência da Psicologia, mais precisamente dentro da abordagem da Análise do Comportamento e de sua filosofia, o Behaviorismo Radical.

Relacionando Feminismo e a Análise do Comportamento a Partir de Conceitos Trazidos por Maria. R Ruiz

O feminismo cada vez mais tem se relacionado com as situações da sociedade contemporânea, inclusive na ciência, e por isso também adentrou na psicologia, envolvendo-se na área social, que se direciona a estudar as questões de gênero (GARCIA, 2011). Já dentro da abordagem da Análise do Comportamento, essa relação tem sido construída bem recentemente.

Ruiz (1998) traz primeiramente como a ciência psicológica tem seguido uma abordagem de patologização dos comportamentos das mulheres em nossa sociedade, além de conceitos sobre a construção de mulher e gênero, que são trazidas pelas diversas áreas e abordagens da Psicologia. Essa área do conhecimento também contribuiu para o processo de silenciamento e exclusão, abafando as vozes das mulheres cientistas, através de um discurso machista ainda dominante nesta ciência (RUIZ, 1995).

A autora discute sobre essa patologização quando fala sobre o caso clássico de uma paciente chamada Glória³ trabalhada por Fritz Perls, Carl Rogers e Albert Ellis. Neste caso, os terapeutas utilizaram estratégias para lidar com a culpa e depressão daquela mulher, mas não enxergaram o contexto opressor no qual ela vivia (década de 60, Glória estava divorciada, tinha que trabalhar devido a sua situação financeira e sentia-se culpada por deixar seus filhos para ir ao trabalho. Além disso, começou a ter encontros amorosos e estava preocupada que essas duas situações a tornassem uma “mãe ruim”). Desta forma, conclui Ruiz (1998), que nenhum dos

³ Cf. RUIZ, M.R. The Behavior Analyst. v. 21, n. 2, 1998. p. 187.

terapeutas discriminou e focou no contexto no qual aquela mulher vivia, um contexto opressor e que a mantinha num estereótipo de uma mãe ruim, mas preocuparam-se em tratar sua patologia.

Por isso, se fazia tão forte uma crítica feminista da ciência psicológica tradicional, e entre esses modelos, mais criticados pelas feministas, estava o Behaviorismo Radical de Skinner. Isso acontecia, pois segundo Ruiz (1995) ainda ocorre uma confusão na literatura entre o behaviorismo de Watson e o behaviorismo Radical de Skinner, e que isto deve ser desembaraçado para que conceitos do Behaviorismo Radical possam ser usados pelo Feminismo.

Segundo a autora supracitada, é importante para se diferenciar os dois tipos de behaviorismo observar que no Behaviorismo Metodológico de Watson as relações causais entre Estímulo e Resposta são estabelecidas através de uma contiguidade temporal, um processo de causalção linear entre estímulo e resposta.

Desta forma, o Behaviorismo Watsoniano é traduzido em um ambientalismo radical, e é caracterizado como mecanicista, reducionista e molecular; características estas que não podem ser repassadas para o Behaviorismo de Skinner, pois no Behaviorismo Radical as unidades de comportamento mecanicistas são substituídas por unidades fluidas e variáveis, que surgem através de uma seleção ambiental.

Assim, o primeiro passo trazido para que haja uma formulação de bases para uma síntese entre o Behaviorismo Radical e o Feminismo é reconhecer que o Behaviorismo não é um modelo psicológico monolítico, ao contrário do que lhe foi erroneamente atribuído (RUIZ, 1995).

Segundo Ruiz (1998), a teoria feminista se beneficiaria com a entrada dos behavioristas radicais, já que ambas as comunidades possuem semelhanças interessantes, apesar de também haver alguns pontos de divergência.

Devido a isso, hoje se discute os pontos de convergência entre a Teoria Feminista e o Behaviorismo Radical de Skinner (RUIZ, 1998) e se traz alguns conceitos fundamentais da análise do comportamento que podem servir numa construção de uma epistemologia feminista, tais como a visão de mundo que leva em consideração o contexto, a interpretação de agência pessoal, o tratamento da experiência privada e autoconhecimento (RUIZ, 1995).

Para Ruiz (1998), em primeiro lugar está o fato de que tanto os behavioristas radicais quanto as feministas concordavam com a importância do contexto para se compreender o

indivíduo, rejeitando assim algumas abordagens psicológicas e a descontextualização dos sujeitos. Outro ponto em que concordam é a ideia de que o cientista não é separado do objeto de investigação. Ambas as teorias enfatizam o caráter relacional, sendo assim verificamos o porquê da cultura e da ciência, segundo Garcia (2011), ser construída por homens e para homens, uma vez que o conhecedor não se separa do que é conhecido (RUIZ, 1998). Assim, as teorias ficam a par da natureza social do conhecimento e por isso o trabalho científico deve ser visto como aquele que não possui verdades definitivas, ou seja, o Behaviorismo Radical desmente essa distinção entre conhecedor e conhecido (RUIZ, 1995).

As teorias também compartilham a ideia de que a experiência desempenha um papel primordial no desenvolvimento humano e tem uma visão otimista acerca de mudanças sociais, enfatizando a relação entre o contexto dos indivíduos com sua realidade social e física. Elas tentam promover práticas e ideias mais humanistas, e desafiam uma visão de mundo dominante, enfrentando, ambas, uma dificuldade de aceitação. Por fim, tanto a Teoria Feminista quanto a Análise do Comportamento tem tentado criar ações que gerem mudanças sociais e reestruturação de todos os âmbitos e instituições para criar oportunidades melhores para todos (RUIZ, 1998).

Porém, também existem algumas divergências entre essas teorias, como trazidas por Ruiz (1998). Uma das principais divergências encontra-se na ideia de construção de uma agência pessoal. Para Ruiz (1998), a influência desse ponto de vista está relacionado a uma ênfase no individualismo, em detrimento do contexto, o que ocorre geralmente no Feminismo Liberal, por exemplo.

Esse papel de agência pessoal que interfere numa ação de resistência pessoal é mostrada como uma idealização na teoria feminista de dois temas centrais trazidos por Field e Hineline, como causa contígua e *dispositioning* (RUIZ, 2009). Segundo Field e Hineline apud Ruiz (2009), o termo *dispositioning* se refere a explicações do comportamento que apelam para entidades internas à pessoa, se assemelhando neste caso à ideia de mentalismo trazida por Skinner, citado anteriormente. Já a causa contígua é explicada como aquela que serve para uma poderosa fonte de inferências causais, relacionada apenas a uma contiguidade temporal, ou seja, um evento causa outro apenas por ocorrerem em tempos próximos.

Dentro da teoria feminista essa visão na construção de agência pessoal traz um dualismo entre pessoa-situação, enxergando o agente como a melhor fonte de resistência feminista, que é crucial para o ativismo feminista. As feministas acreditam no poder dos controles sociais e

querem expor as fontes externas desse controle que limitam muitas vezes as oportunidades para os indivíduos na sociedade, por isso elas querem mudar essa situação para criar oportunidades para todos (RUIZ, 1998).

E por último, essa construção de agência pessoal tem sido conivente com o modelo de causalidade proximal, ou causalidade contígua, o que promove uma “bola de neve”, pois acaba promovendo o modelo mecanicista de causalidade, presente no Behaviorismo de Watson, por exemplo (RUIZ, 1998).

É desta forma que essa construção de agência pessoal cria armadilhas conceituais na crítica feminista e modelos psicológicos tradicionais, pois esse conceito acaba ignorando as influências sociais (estímulos ambientais), pois se entendermos que o indivíduo enquanto agente constrói sua própria realidade, é possível confundir que a realidade está dentro de sua cabeça, sendo assim não haveria como explorar a realidade compartilhada, incluindo controles sociais que afetam membros de grupos sociais diferentes de forma seletiva e uniforme. Por fim, acaba se criando um esquema contraditório a partir dessa visão de uma agência pessoal no Feminismo (RUIZ, 1998).

Para Ruiz (2009), apesar da comunidade feminista ser bastante diversificada, as feministas concordam em todo o seu espectro que os ambientes opressivos limitam as oportunidades para as minorias, dentre elas as mulheres, e que estes necessitam de fontes de resistência individual em tais contextos, ou seja, a ação pessoal é comumente oferecida como fonte de resistência feminista, o que leva a uma situação de dualismo entre pessoa-situação.

Outros conflitos na Teoria Feminista estão relacionados aos conceitos das dualidades cartesianas e outras dicotomias advindas dela (RUIZ, 1998). As feministas são contra essa visão dualista de Descartes, que trata o gênero feminino com hostilidade (RUIZ apud RUIZ, 2009) já que este dualismo, que separa mente e corpo, também serviu de base para o dualismo patriarcal, equiparando o homem com a mente, como sendo racional e a mulher com o corpo, irracional e dependente (RUIZ, 2009).

Porém as feministas adotaram uma forma de dualismo, o dualismo entre o biológico e o cultural, a seu próprio favor. Esse dualismo é caracterizado pelo esforço em separar-se do determinismo biológico e do naturalismo, que associa as diferenças biológicas entre os sexos com as manifestações pessoais e culturais que diminuem a mulher (RUIZ, 2009).

Foi dessa forma que as feministas da Segunda Onda defenderam o Construcionismo, que é uma antítese ao naturalismo, pois este seria o arquiteto da cultura e um canal para que

puddesse ocorrer mudanças políticas. Desta maneira, havia uma bifurcação entre cultura e biologia na teoria feminista (RUIZ, 2009).

Ruiz (2009) vem trazer que apenas mais atualmente, já com a Terceira Onda do Feminismo, é que este chega a se aproximar da ciência e incorpora a ciência Darwinista em seus quadros explicativos, o que a torna mais relacionada e mais compatível com a teoria de Skinner. Darwin descarta esse dualismo entre biologia e cultura, visto que para ele a cultura era uma continuação da natureza e não algo superior, pois a concepção da vida (e a biologia) não era imutável e com características fixas, mas está em constante evolução. Esse processo então combina história, contingências e eventos, e não ocorre de forma linear, mas sim espacial e temporal, o que derruba a ideia de que a contiguidade temporal é necessária para relações causais.

Uma das contribuições trazidas também pela teoria de Darwin é uma visão de que a mudança individual e crescimento são processos naturais de superação, e que os contextos opressivos incitam a resistência natural, selecionando-a. Por isso, esse trabalho entre o feminismo de Terceira Onda e a Teoria darwiniana é considerado promissor (RUIZ, 2009).

Outro assunto que entra no interesse de feministas e analistas do comportamento está em entender como práticas discriminatórias são invisíveis e enraizadas em práticas culturais bem estabelecidas que são amplamente aceitas e vistas como normais em nossa cultura. Uma análise feminista busca estudar e expor esses problemas (RUIZ, 1998).

Porém, isto não é tão fácil de se fazer, visto que há realmente uma invisibilidade literal em algumas práticas discriminatórias que fazem com que apenas expô-las já seja um desafio. Isso acontece principalmente porque algumas dessas práticas podem ser visíveis ou discriminadas por alguns, mas outros membros de um grupo social, que pertencem ao grupo dominante que é favorecido ou acomodado por essa prática, são menos propensos a ver a prática como discriminatória, sendo que isto fica visível geralmente para alguns membros que são prejudicados por essa prática (mesmo no grupo que é prejudicado, alguns indivíduos ainda assim não a enxergam como discriminatória) (RUIZ, 1998).

Essa cegueira é social, como explica a autora, e está relacionada com uma ausência de contingências discriminativas que podem fazer os efeitos dessas práticas discriminatórias sutis se tornarem visíveis. Isto explica porque alguns homens às vezes julgam algo como normal, e uma mulher pode interpretar como machista e opressora. Mas isso também pode ocorrer dentro de um mesmo grupo de mulheres, por exemplo. O que pode interferir nessa interpretação está

relacionado à experiência de cada pessoa, e este fato, como traz Ruiz (1998), é compatível com a interpretação da Análise do Comportamento sobre repertórios interpretativos, ou seja, se um indivíduo interpreta uma prática como ofensiva, isso está ligado com os efeitos dessas práticas sobre o comportamento da pessoa.

A autora supracitada ainda traz como práticas culturais discriminatórias tendem a ser discretamente embutidas dentro de práticas culturais convencionais, e que raramente elas são visivelmente rotuladas, como foi no caso de banheiros diferentes e separados para “homens” ou “homens de cor” (Ruiz, 1998, p.186, grifo da autora) no *apartheid* americano. Este caso, por exemplo, tem relação com o controle de estímulos que envolvem práticas culturais como classe de estímulos, o que mostra como algumas práticas podem ser rotuladas como discriminatórias por pessoas de um grupo e permanecer invisível como discriminação para membros de outro grupo. (RUIZ, 1998).

Assim, dentro da Teoria Feminista e para alguns psicólogos tem se analisado gênero como uma categoria socialmente construída, assim como acontece com raça e classe. Eles defendem que o sexo e estas outras categorias socialmente construídas são perpetuadas na sociedade por meio de práticas culturais. (RUIZ, 1998).

Desta forma Ruiz (1998) traz que uma perspectiva analítico-comportamental é a ferramenta apropriada para buscar respostas às preocupações feministas. Ela também apresenta uma oportunidade para que os behavioristas radicais envolvam a comunidade verbal feminista em uma conversa. Para tanto, se faz necessário antes de tudo, uma reformulação da visão de agência pessoal, já que ela não deve ser considerada como uma característica do indivíduo, mas sim como uma característica de atos, rejeitando assim a falsa dicotomia entre pessoa-situação, ou seja, a pessoa e a situação não são entendidas como separadas ou distintas, mas como coparticipantes relacionadas entre si no processo do comportamento.

Para se falar em resistência, Ruiz (1998) traz que seria mais adequado dentro da teoria de Skinner se falar em contracontrole, que é descrito por Baum (2006) como uma nova relação de reforço, na qual são tomadas medidas que podem mudar a situação da pessoa controlada ao modificar sua relação com o explorador, podendo mudar o comportamento do controlador através de uma ameaça de sustar um reforço, ou então cortar as relações com ele definitivamente caso a relação ainda continue aversiva. Um exemplo disso, como trazido pelo autor, é uma ameaça de divórcio, que pode coagir o parceiro explorador a mudar, o que poderia ser classificado como um caso de contracontrole.

Outro tema trazido por Ruiz (1995) como importante para a teoria feminista é o conceito de autoconhecimento. O autoconhecimento segundo Skinner apud Ruiz (1995) é um processo que se origina em nossas transações sociais com a comunidade verbal. Primeiramente o mundo privado de uma pessoa torna-se importante para outros e só então é feito importante para si mesmo, assim, ele entra sob o controle do comportamento chamado de conhecer.

A comunidade verbal, como trazida por Ruiz (1995), é parte de nossa cultura que formula e preserva a linguagem como símbolos da cultura usados para expressar o pensamento abstrato e transmitir as práticas culturais para uma próxima geração. Nossos conhecimentos que são comunicados de eventos privados são construídos socialmente através da comunidade verbal. É desta forma que o papel desempenhado pela comunidade verbal também contribui com a aquisição de autoconhecimento pelo indivíduo. Segundo Ruiz (1995), as mulheres tem encontrado apoio na comunidade verbal feminista, que valoriza as experiências pessoais das mulheres e que podem permitir dessa forma que a mulher torne-se consciente de si mesma.

Ruiz (1988) também chega a discutir o que o Feminismo tem para oferecer à Análise do Comportamento e se realmente focar numa perspectiva de gênero seria relevante. A primeira noção que a autora traz é que a atividade científica não é livre de questões de gênero, ou neutra, como se pensa muitas vezes, e ela deve passar a incluir ambos os gêneros e seus valores. E em segundo lugar, também se discute como a atividade científica é um meio para se alcançar soluções para problemas, já que também é atividade política.

Assim, o feminismo dentro da análise do comportamento, como explica Ruiz (1998) além desses pontos já trazidos, encoraja os analistas do comportamento a fazerem perguntas sobre o processo de investigação, sobre quem se beneficia diretamente ou indiretamente, se existe custos para determinados indivíduos ou grupos e também que classes de práticas culturais estão selecionando e que metacontingências relacionadas com o gênero estão sendo afetadas. Tudo isto de certa forma já tem sido analisado pelo Feminismo, que tenta expor como esses arranjos de gênero afetam o conhecimento científico, e seria muito importante trazer isso também para a teoria e prática da Análise do Comportamento.

Por fim, como trazido por Ruiz (1995), embora a comunidade behaviorista radical não tenha dado muita contribuição na literatura sobre pesquisas de gênero, ela sempre mostrou um interesse teórico na variabilidade comportamental e na descrição de contextos que influenciam a variação de comportamentos individuais. Então esses conhecimentos sobre comportamento operante mostram-se úteis para se analisar questões de gênero, e também de raça e classe.

Tudo isso torna este, segundo Ruiz (1998), o momento propício para que os behavioristas radicais participem das questões feministas, já que se pode integrar e orientar as feministas em áreas importantes em que se é imprescindível uma ação efetiva. Esta então se torna uma boa oportunidade para formar uma aliança entre ambas as teorias, onde a análise do comportamento pode fornecer ferramentas como um sistema epistemológico para influenciar a forma como as mulheres e os homens vivem, tornando-os conscientes de suas experiências para poderem interpretá-las; além de trabalhar dentro das instituições da nossa sociedade (organizações, educação, indústria, etc) o que facilita para que essa abordagem afete e contribua com a mudança de práticas culturais relevantes.

Considerações Finais

Através do tema discutido verifica-se como é importante analisar e estar familiarizado com os termos da Análise do Comportamento para poder se construir e relacioná-los com outros temas aos quais ele pode trazer contribuições.

Também se observa que conhecer o histórico do feminismo é necessário para se compreender o que é, como ocorre e em que contexto acontece para saber em que momentos e de que forma a análise do comportamento pode para ela contribuir.

No decorrer da pesquisa também foi uma condição *sine qua non* trazer algumas obras da autora Maria R. Ruiz que discute e relaciona esses dois temas dentro da filosofia do Behaviorismo Radical.

Porém, é importante destacar que, infelizmente, esses estudos ainda tem sido pouco explorados, pois a maioria dos materiais produzidos neste tema pertencem a Maria R. Ruiz, e mesmo poucos outros que não são dessa autora, estão na língua inglesa, não traduzidos para o português. Sendo assim, verifica-se o quão importante é a produção de novos estudos e também de traduções para que outras pesquisas sejam feitas e se contribua cada vez mais com as duas teorias.

Diante disso, conclui-se que utilizar conceitos e a própria filosofia do Behaviorismo Radical, como foi realizado por Ruiz, para fazer essa aproximação entre a Análise do Comportamento e o Feminismo é de grande relevância e riqueza para as duas, já que, como foi discutido, há uma probabilidade de crescimento e desenvolvimento para ambas as teorias.

Por fim, nesta relação, o feminismo pode aproveitar-se do embasamento teórico e filosófico da ciência do comportamento, que ajudaria numa ação efetiva desta para mudar nosso ambiente e práticas culturais. Já a análise do comportamento se beneficia ao voltar-se para a falta de neutralidade na cultura e na ciência relacionada à questão de gênero, contribuindo também para mudanças na sociedade, além de não permitir mais um silenciamento da luta e desse movimento das mulheres por igualdade, o que tornaria a sociedade mais justa e benéfica para todos.

Referências

BAUM, W. M. *Compreender o behaviorismo: comportamento, cultura e evolução*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

CARVALHO NETO, M. B. de. Análise do comportamento: behaviorismo radical, análise experimental do comportamento e análise aplicada do comportamento. *Interação em Psicologia*, vol. 6, n.1, 2002. p. 13-18.

GARCIA, Carla Cristina. *Breve história do feminismo*. São Paulo: Claridade, 2011.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. *Revista Katál*. Florianópolis, v. 10, n. esp., 2007. p. 37-45.

MOREIRA, M.B.; MEDEIROS, C. A. de. *Princípios Básicos de Análise do Comportamento*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

MOREIRA, M. B.; RAMOS, G. C. C.; TODOROV, J. C. Psicologia, Cultura e Problemas Sociais. In: MOREIRA, M. B., org. *Comportamento e Práticas Culturais*. Brasília: Instituto Walden4, 2013. p. 01 - 13.

RUIZ, M. R. *Beyond the Mirrored Space: Time and Resistance in Feminist Theory*. *Behavior and Philosophy*. Cambridge Center for Behavioral Studies. v. 37, 2009. p. 141-147.

RUIZ, M.R. *Personal Agency in Feminist Theory: Evicting the Illusive Dweller*. *The Behavior Analyst*. v. 21, n. 2, 1998. p. 179-192.

RUIZ, M.R. B. F. *Skinner's radical behaviorism: Historical misconstructions and grounds for feminist reconstructions*. *Behavior and Social Issues*, v.5, n.2, 1995. p. 29-44.

SKINNER, B. F. *Ciência e comportamento humano*. Martins Fontes, 1953.

SKINNER, B. F. Seleção por consequências. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, v.9, n.1, 1981, p. 129-137.

SKINNER, B. F. *Sobre o Behaviorismo*. Trad. Maria da Penha Villalobos, 1974.

TOURINHO, E. Z. Estudos conceituais na análise do comportamento. *Temas em Psicologia da SBP*, v. 7, n. 3, 1999. p. 213-222.



Como citar este artigo (Formato ABNT):

ROSENDO, Alessandra Pinto; NOGUEIRA, Clarissa de Pontes Vieira. Feminismo e Análise do Comportamento: Contribuições de Maria R. Ruiz. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, Fevereiro/2020, vol.14, n.49, p. 458-477. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 08/02/2020;

Aceito: 18/02/2020.